

Desanolamento de Cartéis APC 2023

**“Qual parede você pintou? Ops! De qual parede que você falou?”: a
fissura nos espaços de fala**

Bárbara do Carmo Noviski Gonçalves

*“O real é a rocha que o poeta lapida
Doando à humanidade mal agradecida
Poeta, talvez seja melhor
Afinar o coro dos descontentes”
(ASSUMPÇÃO, 1983)*

Este texto corresponde a um condensado dos encontros do Cartel “Estou falando com as paredes”, realizado junto à Associação Psicanalítica de Curitiba (APC). Os encontros aconteceram on-line, quinzenalmente, num período de dois anos, com integrantes das cidades de Curitiba, Ponta Grossa e Foz do Iguaçu.

Pode-se dizer por si só, que já pelo nome do cartel, seriam atraídos curiosos a fim de entender uma frase enigmática e que acredito eu, ter sido, ou ainda ser presente nuns alguns momentos de desatenção, Acaba-se escutando um “*Estou falando com as paredes?*”. Venho logo dizer, que não se trata de pensar sobre uma dificuldade de compreensão, ou desatenção, nem mesmo do falar sozinho.

O percurso textual se fez a partir de três textos de Lacan, construídos paralelamente ao seminário número 19 “...Ou pior”. Esses foram proferidos Capela do Hospital de Sainte-Anne, e são as seguintes conferências: “Saber, ignorância, verdade e gozo” (Lição I, 04 de Novembro de 1971), “Da incompreensão e outros temas” (Lição II, 02 de Dezembro de 1971) e “Estou falando com as paredes” (Lição III, 06 de Janeiro de 1972).

Lacan durante esses encontros teve o intuito de retomar o contato com os jovens em formação, pois desde o início da sua trajetória era preocupado a respeito da transmissão da psicanálise.

Recordo que desde o meu primeiro contato com a APC, eu já me perguntava como uma analista em formação, sobre como seriam as possibilidades dos espaços entre os analistas de mais tempo na “casa” com aqueles recém chegados para pensarmos à práxis.

Então, levanto alguma questão aos presentes: qual a preocupação da nossa escola sobre os encontros de transmissão da psicanálise para as novas gerações de analistas?

Antes mesmo de começar a deslizar sobre as produções de Lacan, trago em dois textos o posicionamento de Freud que valem a pena serem destacados.. Primeiro em “Textos breves: a psicologia do colegial” (FREUD, 1914, pp. 419-420), onde ele nos diz assim

Como psicanalista, devo interessar-me mais por processos afetivos do que por aqueles intelectuais, mais pela vida psíquica inconsciente do que pela consciente. Minha emoção ao encontrar o antigo professor do colégio me induz a fazer uma primeira confissão. Não sei o que mais nos absorveu e se tornou mais importante para nós: as ciências que nos eram apresentadas ou as personalidades de nossos professores; De todo modo, esses eram objeto de um contínuo interesse paralelo, e para muitos de nós o caminho do saber passava inevitavelmente pelas pessoas dos professores [...] Nós espreitávamos suas pequenas fraquezas e tínhamos orgulho seus grandes méritos, de seu saber e senso de justiça [...] No fundo amávamos bastante, quando nos davam um motivo qualquer para isso. Não sei se todos os nossos professores se deram conta disso.

Três anos depois, em “Uma dificuldade da psicanálise”, Freud (1917, p.241) complementa

Direi, logo de início, que não me refiro a uma dificuldade intelectual, algo que torne a psicanálise inacessível à compreensão do ouvinte ou leitor, mas a uma dificuldade afetiva: algo que torna alheios à psicanálise os sentimentos do indivíduo, de modo que este não se inclina a acreditar ou demonstrar interesse por ela. Logo se percebe que as duas dificuldades resultam numa só. Quem não vê com bastante simpatia uma coisa não a compreende facilmente

Próprio ao seu tempo, Lacan diz que ao longo da sua prática, de 45 anos nas “muralhas” dos hospitais, sempre houve uma minoria esmagadora de pessoas que tem uma vocação para tal, aqueles ditos engajados. Ele nos aponta que há uma distância entre o trabalho e o saber, esse que têm muitas questões que são absolutamente não resolvidas e que os analistas não parecem ter mudado, resultando num assentamento do saber, normatizando uma parada no tempo.

Lacan cita a construção teórica da psicanálise, apontando um erro que Freud cometeu em 1917, enfocando na escuta na resistência. Entretanto, em 1920, ao teorizar sobre o além do princípio do prazer, a partir dos estudos da resistência, revira assim o lugar do interesse da psicanálise, com enfoque no inconsciente para a construção da teoria da sexualidade. Essa virada consolida um lugar na pólis para a psicanálise, concretiza assim a terceira quebra narcísica do homem: a entrada da sexualidade.

Partindo do pressuposto “[...] que é impossível escrever o que seria a relação sexual” (LACAN, 1972, p.22), poderíamos quem sabe esboçar uma brecha entre nós, a fim de sustentar o lugar da escola, proporcionando uma transmissão geracional entre os analistas?

Durante a sua fala, Lacan é chacoteado sobre o seu ensino, ao lhe dizerem que não compreendem seus conceitos, isso se justificaria por ele mesmo ser confuso. E sem pensar duas vezes, ele contrapõe em defesa que “[...] os analistas nem sempre sabem tanto quanto deveriam pela simples razão de que muitas vezes eles não fazem porra nenhuma” (LACAN, 1972, p.30). Será que hoje chacoteamos aqueles que a priori não entendemos? Aonde se encontra então a ignorância?

Considerando que a escuta como aquela não se faz em qualquer esquina, um dito de Lacan, não temos uma tarefa fácil na condução da direção de uma análise com um sujeito... Imagine então na transmissão de um ensino, dentro de uma escola, entre vários, analistas e sujeitos. Nossa interpretação entra aí, ao traduzir as palavras produzidas nestes espaços as reconhecendo com um valor de verdade para cada um.

O cantor Itamar Assumpção (1983) dizia que “*Entre o sim e o não existe um vão*”, o que ficaria neste entre do analista e do paciente? Ou no vão da escola entre seus pares? Poderia haver... Um muro, talvez? Claro que não! O muro delimita um dentro e um fora, ele separa.

As paredes se interseccionam, fazem esse retorno do que é propagado. Obviamente que nesta parede algo pode ser criado, pintado, riscado, pichado, colocado uma porta, uma janela e até o vão. A graça está aí, a livre circulação e na junção entre os espaços, digo, entre os espaços ocupados pelos analistas, ou seja, não em busca de crença absolutamente comum, mas na possibilidade de um encontro dual, por meio da palavra, isto é, pela voz, pelo som.

Nos estudos da psicoacústica, o que interessa é a percepção do efeito sonoro num determinado espaço de tempo. Para que isso ocorra são necessários três elementos: emissor-meio-receptor. A energia do som interessa não na sua totalidade, mas sim na sua intensidade por unidade de tempo, uma densidade propagada em uma direção particular. Essa pode ser feita nas seguintes propriedades: reflexão, refração, difração, interferência e ressonância (LAZZARINI, 1998).

Hoje essas propriedades não nos cabem aqui pensar, mas se cada forma desta se baseia num efeito, podemos pensar em quais efeitos temos atingidos pelo nosso trabalho? O que emitimos aos semelhantes, no meio clínico ou da escola de psicanálise? Para vacilarmos o menos possível, nós analistas como “emissores” temos o compromisso de manter viva a letra freudiana, no “meio” escola, aos “receptores” que a constituem.

Lacan mesmo tendo a impressão de estar falando com muros, não hesitou em continuar a falar, na aposta que algo repercutiria em alguém. A função da palavra transpassaria esse muro, por via do som, da voz, numa produção de novos sentidos.

Os encontros deste cartel possibilitaram a troca estimada da qual me refiro durante a minha apresentação, cada qual com a sua trajetória, com seu estilo de clínica, trazendo uma acolhida frente às peripécias de cada uma com o seu trabalho.

A comunhão, a interseção se fez possível entre as gerações, todos ocupando o mesmo espaço para construir a escola. A vivência na carne, o efeito visceral da troca valeu muito mais que a criação de meros “papagaiismos” dos conceitos teóricos, pois para quem busca análise de isto de nada interessa, pois ali já está um suposto saber. Afinal, pra vocês caros colegas... Qual parede vocês desejam ser? O que vocês emitem aos pacientes e à pólis?

Finalizo esse ensaio com uma citação a respeito das inquietudes de Lacan

[...] está aí o nó, o essencial do saber do analista [...] no lugar da verdade [...] sempre colocado em questão [...] E do tropeço, da ação fracassada, do sonho, do trabalho do analisante que esse saber resulta, esse saber que não é suposto, ele é saber, saber caduco, migalhas de saber, sobremigalhas de saber, isso é o inconsciente (LACAN, 1972, p.71).

Referências Bibliográficas:

ASSUMPÇÃO, Itamar. Chavão abre porta grande. In:___ (Org.). **Sampa Midnight**: Isso não vai ficar assim. 1983, nº14.

FIGUEREDO, I. P. de. Saber, verdade e gozo: o muro de linguagem e a função poética. **Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica**, 20(2), 443–458. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-44142017002008>>. Acesso em 05 Mai 2023.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade da psicanálise. In:___ (Org.). **História de uma neurose infantil (“O home dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp.240-262.

FREUD, Sigmund. Textos breves: sobre a psicologia do colegial. In:____ (Org). **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. pp.418-423.

LACAN, Jacques. **Estou falando com as paredes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, Jacques. **O saber do Psicanalista**: seminário 1971-1972. Publicação Interna da Associação Freudiana Internacional. 2001.

LAZZARINI, Victor. **Elementos de acústica**. Universidade Estadual de Londrina: Laboratório de Música Eletroacústica. 1998.